

**A Ressignificação do olhar para a periferia no videoclipe
“A Coisa tá Preta” de Rincon Sapiência**

Leonardo Ribeiro Santos e Maria Collier de Mendonça

RESUMO: Este artigo¹ analisa o videoclipe “A coisa tá Preta”, do rapper Danilo Albert Ambrósio, conhecido como Rincon Sapiência. Para tanto, investigamos como o olhar para periferia paulistana e seus moradores, majoritariamente negros, foi ressignificado neste videoclipe, utilizando conceitos da semiótica e psicanálise. Lançado em 13 de maio de 2016, data emblemática para os negros brasileiros e correspondente aos 128 anos da Lei Áurea, a canção e o videoclipe trazem novos signos para expressões frequentemente utilizadas de formas preconceituosas e pejorativas. Ao final, concluímos que nesta produção de Rincon Sapiência, a periferia e a população negra são traduzidas a partir de pontos de vista estéticos e políticos distintos daquilo que, até então, imperava nas representações das identidades negras e periféricas nas mídias de massa.

Palavras-chave: Rap Paulistano. Semiótica Psicanalítica. Rincon Sapiência.

¹ Este artigo corresponde a uma versão revista do trabalho inicialmente apresentado no GT 06 - Música e sons no audiovisual - do evento nacional IX Musicom, 2020.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados da monografia intitulada “As transformações estéticas da periferia nos videoclipes do RAP paulistano” desenvolvida por Leonardo Ribeiro Santos (2017) sob orientação de Maria Collier de Mendonça; no curso de especialização em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura, ministrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa investigou as representações da periferia paulistana em dois videoclipes brasileiros de RAP, produzidos nas últimas décadas. Foram eles: Vida Loka Parte II”, dos Racionais MC’s, e “A coisa tá Preta”, de Rincon Sapiência.

OBJETIVOS

O foco deste trabalho é analisar o videoclipe “A coisa tá Preta”, do rapper Danilo Albert Ambrósio. Para tanto, investigamos como o olhar para periferia paulistana e seus moradores, majoritariamente negros, foi ressignificado neste videoclipe, utilizando-se conceitos da semiótica e psicanálise. Além disso, exploramos aspectos relacionados às três categorias peirceanas (primeiridade, secundidade e terceiridade) na análise do videoclipe. Em seguida, comparamos diferenças e similaridades entre o videoclipe analisado com o videoclipe “Vida Loka Parte II”, dos Racionais MC’s, para evidenciar transformações estéticas que ocorreram entre eles, como também aspectos imaginários e simbólicos associados às visões de mundo traduzidas por cada produção.

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os principais autores integrantes do quadro teórico-metodológico foram Arlindo Machado, Lucia Santaella, Thiago Soares e Zygmunt Bauman.

De acordo com Arlindo Machado, a teoria semiótica contribui para a compreensão das linguagens híbridadas e dos signos presentes nos videoclipes. Nas palavras deste autor:

Uma semiótica das formas videográficas deve ser capaz de dar conta do fundamental hibridismo do fenômeno de significação na mídia eletrônica, da instabilidade de suas formas e da diversidade de suas experiências, sob pena de reduzir toda a riqueza do meio a um conjunto de regras esquemáticas e destituídas de qualquer funcionalidade. (MACHADO apud SOARES, 2012, p. 49)

Nessa perspectiva, Lucia Santaella ressalta que a semiótica peirceana apresenta definições rigorosas dos modos como os signos agem. De maneira que a gramática especulativa de Peirce abarca um amplo inventário de classes e misturas sígnicas, envolvendo

linguagens verbais e não-verbais e perfazendo uma referência teórica capaz de dar conta do hibridismo presente na linguagem videoclípica. (SANTAELLA, 2002).

Nesta análise, foram consideradas as três categorias fenomenológicas, cunhadas por Peirce. Segundo Santaella, primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer outro elemento segundo. O azul de um certo céu, sem o céu, a mera e simples qualidade do azul, que poderia também estar nos seus olhos, só o azul, é aquilo que é tal qual é, independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade é um componente do segundo. Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei. Finalmente, terceiridade, que próxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos ou interpretamos o mundo (SANTAELLA, 2007, p. 11).

Vale ressaltar que os aspectos sonoros e musicais do videoclipe escolhido não foram analisados porque os focos da análise recaíram nos elementos do cenário e da narrativa do videoclipe. Para isso, investigamos aspectos qualitativos, indicativos e simbólicos relacionados à construção do ambiente, à decoração e à iluminação; como também aos personagens, suas vestimentas e comportamentos. Exploramos a linguagem técnica do vídeo e buscamos compreender sua tradução de mundo, considerando que cada videoclipe constrói um mundo imaginário, inspirado num mundo vivido no cotidiano.

Conforme explica Thiago Soares (2012), o videoclipe aporta-se em linguagens híbridas, que integram conceitos e técnicas inspirados no cinema, televisão, documentário e retórica publicitária. Logo, o videoclipe constitui um processo de cognição acelerado, que apresenta novos modos de se ver e absorver conteúdos audiovisuais.

Ainda segundo Soares (2012), a análise interpretativa de uma obra fílmica, seja ela um curta-metragem, uma animação, um documentário ou mesmo um videoclipe, envolve a desconstrução, a construção e, ainda, a definição de limites para situá-la em um contexto ou história singulares. Pensando especificamente no videoclipe, Soares (2012, p. 37) argumenta que é necessário analisar os motivos pelos quais o videoclipe foi produzido de determinada maneira, observando-se que a narrativa do videoclipe se insere

[...] numa dinâmica da sociedade encenada, operando com escolhas, organizações de elementos, decupando o real a partir de uma configuração de imaginário que condiga

às estratégias de divulgação de determinado artista da música pop. Temos, portanto, um ponto de vista musical para aspectos do mundo (ibid., p. 135).

Por fim, Soares (ibid.) destaca que cabe ao analista as seguintes questões:

1. Como se apresentam os artistas e personagens envolvidos na história. Ou seja, como se apresentavam visualmente e em termos de movimentos e ritmos?
2. Como se delineiam o espaço do cenário do videoclipe e os aspectos de direção de arte, desenho de produção, enquadramento e decoração. Mas também como se criam as concepções visuais da letra e do próprio videoclipe pensando nas relações entre esses elementos para desvendar como os signos se apresentam no videoclipe?
3. Como se ancora o tempo do videoclipe? Ou seja, como se caracteriza o tempo de duração da diegese que se impõe no clipe e seus maneirismos de cortes e técnicas de fusão. (SOARES, 2012, p. 137).

ANÁLISE SEMIÓTICA DO VIDEOCLÍPE "A COISA TÁ PRETA"

“*A Coisa tá Preta*” é uma canção do álbum “*Galanga Livre*”, do rapper Danilo Albert Ambrósio, conhecido também como Rincon Sapiência. O videoclipe, produzido pela Boia Fria Produções, foi lançado em uma data sintomática para os negros do Brasil, 13 de maio de 2016, que marcou 128 anos da Lei Áurea que “aboluiu” a escravidão. Sendo o último país liberar os escravos, a lei fez com que muitos negros, agora “livres”, não tivessem condições adequadas e legais para prosperar, já que não poderiam se tornar donos de suas próprias terras nem contar com uma política de promoção de igualdade racial. Conforme Bauman (2008), os “ex-escravos” foram colocados na condição simbólica de estranhos da pior maneira possível. As estratégias para aniquilar estes novos estranhos, vale lembrar antropofágica e antropoêmica, foram usadas indistintamente (BAUMAN, ibid).

O doutor em história social pela USP- FFLCH-SP Gilberto Maringoni (2011) em “*O destino dos negros após a abolição*”, cita que as regiões precárias, distantes do centro, foram os locais onde os negros se refugiaram. Ora, ao mesmo tempo em que as distinções culturais foram legalmente abafadas para esquecer suas ancestralidades e promover a conformidade com a ordem; vale lembrar que naquela época diversas práticas como a capoeira, por exemplo, foram proibidas. E, a maioria dos negros foi enviada para dentro das paredes invisíveis dos guetos.

Ao olharmos para alguns índices sociais, percebemos que o país mudou em termos sociais e políticos. Por exemplo, a Síntese de Indicadores Sociais, divulgada pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2004, mostrava que apenas 16,7% dos alunos pretos ou pardos estavam matriculados em universidades brasileiras. Este número saltou exponencialmente para 45,5%, em 2014. Há muito o que melhorar, claro, – pois apesar deste aumento exponencial, os negros continuam sendo minoria nas universidades do país – mas se a arte é um reflexo atual da nossa sociedade, o RAP, por mais que ainda seja “dedo na ferida”, para citar trecho de uma canção de Emicida, precisava ser reflexo deste novo momento.

No videoclipe de “A Coisa tá Preta”, Rincon Sapiência se apropria de uma expressão historicamente utilizada com conotações negativas, posto que a cor “preta” ainda é frequentemente associada à população negra como algo ruim – para ressignificá-la. Dessa maneira, tanto as cenas do videoclipe quanto as letras da canção expõem exemplos positivos para a população negra, carente de um ponto de vista estético e político diferente daquilo que, até então, imperava como representação da identidade periférica e negra.

Se Dimas era o signo para compreendermos o videoclipe “Vida Loka parte II”, “A coisa tá Preta” apresenta dois personagens importantes para compreendermos a ressignificação que nele se pretende fazer: Zumbi, o último líder do Quilombo dos Palmares e a rainha do Ndongo (atual Congo), Ana de Souza, Nzinga Mbandi. Tratam-se de dois heróis que representam a resistência ao que era imposto, ou seja, a escravidão do povo negro.

Predominantemente ainda se conta uma história passiva, na qual os negros ofereceram pouca resistência. Pouco se conta, na história da escravidão, que um dos maiores representantes da resistência foi uma mulher, que organizou uma tropa inteira de soldados para batalhar contra soldados portugueses ou que Zumbi resistiu às investidas portuguesas por mais de 20 anos. Portanto, lembrar suas histórias é trazer um novo ponto de vista sobre a história dos negros e mostrar que cada negro pode ser, nas palavras do próprio Sapiência, o manicongo – título dados aos governantes de bacongos do Congo – de sua própria vida, fazendo com que se sintam resistentes como Zumbi e Nzinga. Afinal, como diz a letra deste RAP: não se trata de sangue escravo, mas, sim, de sangue de rei que corre nas veias dos negros brasileiros.

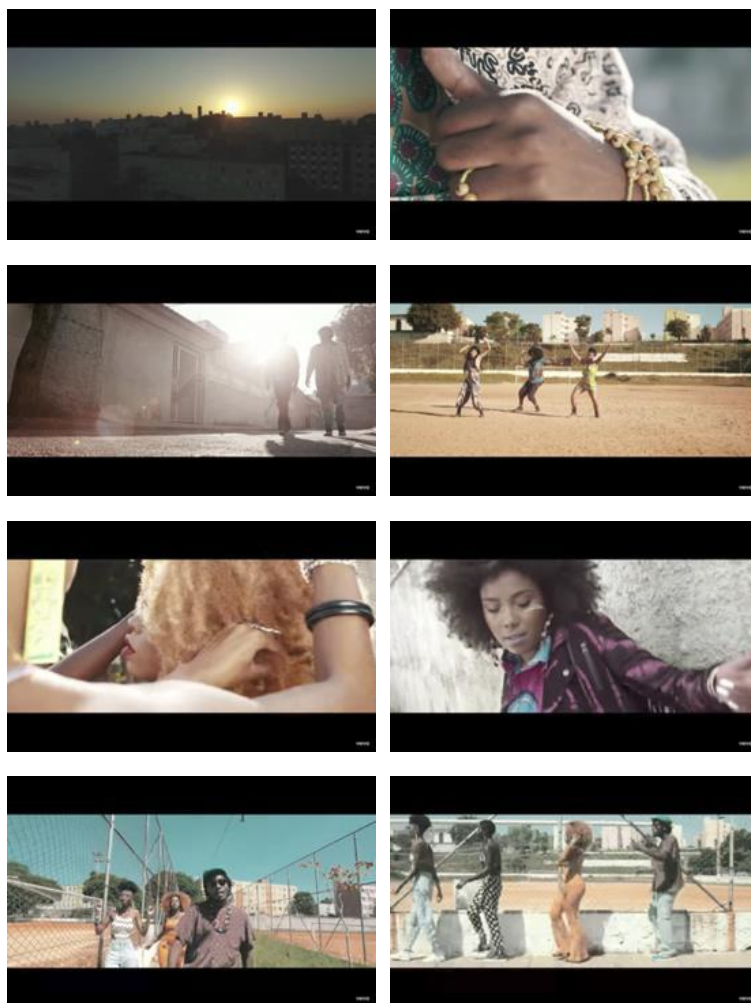
Neste novo cenário, o videoclipe de “A Coisa tá Preta” de Sapiência, torna-se uma antítese do que foi produzido há doze anos em “Vida Loka Parte 2”, pelos Racionais MC’s – ou há trinta e quatro anos, se considerarmos o enredo do videoclipe, descrito na primeira versão da canção Vida Loka, de 1983.

Não se trata de oposição ao que foi feito, o que se pretende em “A Coisa tá Preta” é construir um novo olhar, sobretudo em termos estéticos, para a realidade periférica do RAP e

da negritude. Isto fica evidente quando comparamos alguns aspectos técnicos das duas produções. Se o videoclipe dos Racionais MC's começa com plano fechado, utilizando a câmera para acompanhar os passos dos bandidos; o videoclipe de Sapiência começa com plano aberto mostrando o pôr-do-sol e os prédios construídos pela Companhia Metropolitana de Habitação (Cohab), do bairro de Arthur Alvim, na Zona Leste da Capital paulistana (ver figura 1).

Figura 1

Cenas iniciais de "A coisa tá preta"



Fonte: Youtube, Canal Rincon Sapiência Vevo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5TTvHoLxEa>. Acesso em 06 out. 2020.

Quando a cena é cortada, um plano detalhe mostra os traços coloridos do suéter do artista. Sapiência e outro rapaz começam a andar, mas sua relação com o enquadramento da

câmera é diferente do que acontece em “*Vida Loka Parte 2*”. Apresenta-se um ângulo conhecido como câmera alta ou plongée - palavra francesa que equivale a “mergulho” na língua portuguesa, que consiste em filmar o objeto enquadrado de cima para baixo. O recurso é utilizado quando se quer passar a ideia de inferioridade ou superioridade (ver figura 1).

Em “*A Coisa tá Preta*”, o recurso utilizado é o contra-plongée, mostrando que a relação de poder não está nos olhos de quem está por trás das câmeras, mas, sim, nos próprios personagens. Outro aspecto técnico que chama atenção no início do videoclipe são as movimentações das câmeras. Se no “*Vida Loka Parte 2*” elas são ínfimas, em “*A Coisa tá Preta*” são abundantes.

Ao procurar ressignificar a identidade da população negra, o videoclipe apresenta, como aspecto de qualidade ou primeiridade, imagens e personagens coloridos. A Periferia de Rincon Sapiência pouco ou nada tem a ver com a periferia dos Racionais MCs. A atmosfera é de alegria, por resgatar e lembrar a história de uma população. Por isso, no lugar de casas sem acabamento e sem cor, há casas e prédios coloridos. Os personagens não trazem semblantes carrancudos, ao contrário, todos sorriem.

O campo da várzea, local retratado em diversas letras de RAP por sua violência, cede espaço para um grupo de dançarinos. As roupas e adereços apresentam estampas exuberantes com formas geométricas e padronagens tribais, típicas da África, sugerindo aos negros das periferias de São Paulo que sua origem é motivo de orgulho (ver figura 1).

Se no videoclipe do “*Vida Loka Parte II*”, o símbolo da periferia era a violência, em “*A Coisa tá Preta*”, a periferia é signo do orgulho de um povo sobre sua origem. A mulher é protagonista, não um objeto que se pode comprar com dinheiro. O cabelo crespo, que por muito tempo foi chamado de ruim, é motivo para ostentar, colocar um garfo e se armar com seu *black-power* colorido (ver figura 2).

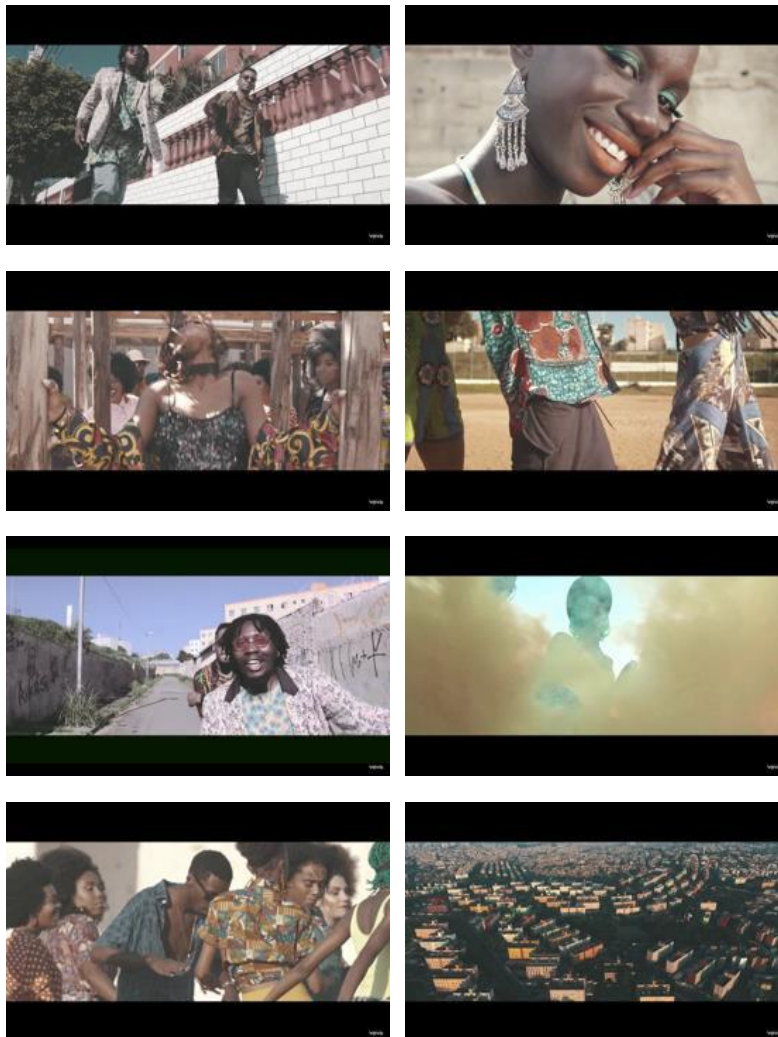
A celebração encerra-se com todos os personagens reunidos dançando em um campo de futebol, com chão de terra. O cenário e demais elementos de produção em “*A Coisa tá Preta*” são extremamente coloridos e juntos constroem uma perspectiva positiva e empoderadora acerca dos significados da negritude e da periferia paulistana.

Ainda que a periferia continue sendo a periferia, com problemas iguais ou piores do que no passado, o vídeo “*A Coisa tá Preta*” é uma produção signífica que oferece novos modos de se enxergar os referentes periferia e negritude paulistana, ou seja, novas possibilidades de ressignificá-la, aos seus intérpretes. Nas palavras da própria canção, “*se a coisa tá preta, a*

coisa tá legal”. Desta maneira, o vídeo começa e termina com planos abertos, expondo uma periferia sem medo de mostrar o que é (ver figura 2).

Figura 2

Cenas de “A coisa tá preta”



Fonte: Youtube, Canal Rincon Sapiência Vevo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FsTTvHoLxEA>. Acesso em 06 out. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou transformações estéticas nas representações da periferia de São Paulo, por meio da análise semiótica de videocliques do RAP paulistano. Foram eles: “*Vida Loka Parte II*”, dos Racionais MC’s, e “*A Coisa tá Preta*”, de Rincon Sapiência, sendo que neste artigo enfocamos especialmente o segundo videoclipe, do artista Rincon Sapiência.

Ao aplicarmos conceitos extraídos da semiótica psicanalítica, foi possível perceber como a periferia paulistana é retratada visualmente nos videoclipes pesquisados, os quais revelam significativas transformações estéticas nas suas construções.

Nas décadas de 1980 e 1990, a periferia paulistana foi marcada por índices de violência comparáveis a países em guerra civil. Sem possibilidades de estudo, com baixa mobilidade social e baixa perspectiva de vida, os jovens negros da periferia paulistana tinham pouca esperança. Por esta razão, os videoclipes dessa época e, especialmente, “*Vida Loka Parte II*”, o qual analisamos, retratavam a violência sofrida.

Dimas, personagem bíblico que simboliza o bom bandido, é alçado à figura exemplar a ser seguida no videoclipe (e letra da canção) “*Vida Loka Parte II*”. Através de sua narrativa, que referencia e simboliza a dura realidade dos jovens periféricos paulistanos da época, torna-se possível compreender a visão de mundo daquela época.

Se viver mais de 27 anos era sinônimo de “*contrariar as estatísticas*”, como cantaram os Racionais MC’s, em “*Capítulo 4, Versículo 3*”, de fato, não existiam motivos para se comemorar. Sendo o videoclipe um produto que iconiza, indica e simboliza uma época, não poderíamos esperar que “*Vida Loka Parte II*” apresentasse signos alegres, coloridos nem cheios de vida. Por esse motivo, neste videoclipe dos Racionais MC’s, aparecem poucas cores, poucos movimentos de câmera e, realmente, há poucos motivos para sorrir dentro deste cenário. Como vimos, o signo que representava seus bairros, inclusive para os próprios moradores, era o da violência.

A década de 2010 foi marcada por certo progresso e novas possibilidades de mobilidade social. O acesso de negros e de moradores da periferia às universidades aumentou. Como consequência, os jovens periféricos incorporaram novos temas, além da violência, às suas realidades cotidianas. Não acreditamos, ingenuamente, que o país repentinamente melhorou. Há, de fato, muito a se melhorar e o RAP, como gênero musical que pretende mudar o sistema social e politicamente, continua produzindo obras com críticas – tão ou mais contundentes – às que já realizou nos anos 1990. Neste contexto, Rincon Sapiência lançou um videoclipe pós-moderno, como diria Bauman (1998). Apropriando-se de uma expressão frequentemente utilizada para conotações negativas o videoclipe e a canção de Rincon a ressignificam a expressão – “*A Coisa tá Preta*” –, agregando-lhe novas cores, movimentos, ritmos, cenários e demais signos que configuram uma visão positiva e bem mais orgulhosa da negritude e da juventude na periferia paulistana.

Zumbi e Nzinga, dois líderes da resistência contra o sistema escravocrata português, são colocados como modelos para cada preto e preta se inspirar. Não como escravos, mas como reis. Por isso, o videoclipe de “A coisa tá Preta” exalta a história e a identidade dos negros e moradores da periferia, local que, no contexto do videoclipe, é motivo para se orgulhar, não para se envergonhar. Os personagens dançam, sorriem e a direção de câmera apresenta muito movimento. Além disso, o videoclipe inicia e termina com uma vista panorâmica do bairro de Arthur Alvim, reforçando a sensação de orgulho, traduzida pelo enquadramento amplo.

As letras de Sapiência disseminam a história dos negros, a partir de um novo ponto de vista que empodera a identidade afrodescendente e recupera o orgulho que a história furtou dos negros e da periferia paulistana.

Assim, concluímos que as transformações investigadas configuram um novo olhar, ou seja, uma nova visão que a periferia passa a ter de si mesma. Recorrendo à teoria peirceana, quando os intérpretes, moradores da periferia, passam a enxergar um objeto, no caso as representações da periferia onde moram, de modos diferentes; tal signo incorpora novas representações que agregam novas interpretações, as quais – por sua vez – são assimiladas no imaginário e na identidade social da população e cultura local.

AGRADECIMENTOS

A coautora, Maria Collier de Mendonça, menciona que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRASIL, IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais*. Fonte: IBGE. Disponível em: < http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/sintese_indic/indic_sociais2004.pdf >. Acesso em: 22 jul. 2017.
- MACHADO Arlindo. *Três décadas do vídeo brasileiro*. São Paulo: Itáu Cultural, 2003.
- MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a Abolição. *Ipea Desafios do Desenvolvimento*, Brasília, v. 70, n. 8, s.p., 29 dez. 2011. Anual. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23. Acesso em: 06 dez. 2020.

RACIONAIS, VIDA LOKA PARTE 2. Direção de Katia Lund,. Cidade: São Paulo, 2004, ano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ahEllnyfHbI> Acesso em: 06 out. 2020.

RIBEIRO SANTOS, Leonardo. *As transformações estéticas da periferia nos videoclipes do RAP paulistano*. São Paulo, PUC-SP, 2017. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica Clínica da Cultura.

RIBEIRO SANTOS, Leonardo; COLLIER DE MENDONÇA, Maria. Uma análise semiótica do videoclipe “Vida Loka – Parte II”: como os racionais MC’s representaram a periferia paulistana nos anos 1990. *Leitura Flutuante: Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 52-65, jan. 2019. Semestral. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/43832/pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

RINCON SAPIÊNCIA, A COISA TÁ PRETA. Direção de Luís Rodrigues. Produção de Porqueeu Filmes. Cidade: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FsTTvHoLxEA>

Acesso em: 06 out. 2020.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros Passos)
_____. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Comunicação e Semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SOARES, Thiago. *Videoclipe: O elogio da desarmonia*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

ANEXO - letra da canção

A coisa tá Preta, Rincon Sapiência
 (Vamo nessa!)
 Ei, pela minha raça não tem amor
 Lava a boca pra falar da minha cor
 Se eles quiser provar do sabor
 Peça benção pra bater no tambor
 Nunca age, nunca fala
 Que a melanina vira bengala
 Só porque fugimos da senzala
 Querem dizer que nóiz é mó mala
 Abre alas, tamo passando
 Polícia no pé, tão embaçando
 Orgulho preto, manas e manos
 Garfo no crespo, tamo se armando
 De turbante ou bombeta
 Vamo jogar, ganhar de lambreta
 Problema deles, não se intrometa
 Óia a coisa tá ficando preta

Essa batida faz um bem, diz da onde vem
 Corpo não para de mexer da até calor
 É vitamina pra alma, melanina tem
 E todos querem degustar desse bom sabor

Vamo, vamo, vamo
 Sem corpo mole, mole, mole
 Tamo no corre, corre, corre
 A coisa ta preta, preta

(Vam'bora!)
 Ritmo tribal no baile nós ginga
 Cada ancestral no tronco nós vinga
 Cada preto se sente Zumbi
 E cada preta se sente a Nzinga
 Pinga, quica, pinga, quica
 Querendo uma brecha, toma bica
 Misturou, mas a essência fica
 Açúcar mascavo adocica
 Sangue de escravo não, pulei
 Vou um pouco mais longe, sangue de rei
 Na onda do stereo história, prolongo
 Não rola mistério, sou Manicongo
 Ei, DJ, ferve mil grau
 Arame, cabaça, pedaço de pau
 Que nem capoeira fechou, berimbau
 A coisa tá preta, ó que legal

Essa batida faz um bem, diz da onde vem
 Corpo não para de mexer da até calor
 É vitamina pra alma, melanina tem
 E todos querem degustar desse bom sabor

Vamo, vamo, vamo
 Sem corpo mole, mole, mole
 Tamo no corre, corre, corre
 A coisa ta preta, preta

Se eu te falar que a coisa tá preta

A coisa ta boa, pode acreditar
Seu preconceito vai arrumar treta
Sai dessa garoa que é pra não moiá

Essa batida faz um bem, diz da onde vem
Corpo não para de mexer da até calor
É vitamina pra alma, melanina tem
E todos querem degustar desse bom sabor

Vamo, vamo, vamo
Sem corpo mole, mole, mole
Tamo no corre, corre, corre
A coisa ta preta, preta